

Colleen Houck

*A viagem
do tigre*





O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para os meus pais, Bill e Kathy,
que deixaram de lado todas as suas aventuras
para criar uma turma de sete.*

SUMÁRIO



PRÓLOGO	Sangue na água	11
CAPÍTULO 1	A vida sem amor	15
CAPÍTULO 2	A retomada do relacionamento	23
CAPÍTULO 3	Phet	45
CAPÍTULO 4	Profecia	61
CAPÍTULO 5	Preparação	75
CAPÍTULO 6	O Festival das Estrelas	93
CAPÍTULO 7	O iate	110
CAPÍTULO 8	Goa	124
CAPÍTULO 9	Aulas de mergulho	139
CAPÍTULO 10	O templo de Durga	153
CAPÍTULO 11	Luau	174
CAPÍTULO 12	Algo novo	191
CAPÍTULO 13	Lady Bicho-da-Seda	208
CAPÍTULO 14	Sobre dragões e continentes perdidos	227
CAPÍTULO 15	A estrela do dragão vermelho	237
CAPÍTULO 16	O animal de estimação do dragão azul	253
CAPÍTULO 17	Lembranças	280
CAPÍTULO 18	É difícil fazer as pazes	296

CAPÍTULO 19	A caçada do dragão verde	321
CAPÍTULO 20	Uma princesa, um dragão e dois cavaleiros	338
CAPÍTULO 21	Tempestade	353
CAPÍTULO 22	O tesouro do dragão dourado	375
CAPÍTULO 23	O Dragão de Gelo	392
CAPÍTULO 24	O mar de leite	406
CAPÍTULO 25	O Sétimo Pagode	421
CAPÍTULO 26	De volta à tona	435
CAPÍTULO 27	Confusão	452
EPÍLOGO	Levada	482

Esquecer-te?

John Moultrie

Esquecer-te? Se sonhar à noite e contemplar-te durante o dia;
Se toda a louca e profunda devoção que o coração do poeta dedicaria;
Se as preces ditas em teu favor ao poder que o Céu tem de proteger;
Se pensamentos alados a mil por hora que a ti vão ter;
Se devaneios te misturam ao que está por vir na minha vida...
Se isto chamas de esquecimento, tu, de fato, serás esquecida!

Esquecer-te? Que os pássaros da floresta esqueçam sua doce melodia;
Esquecer-te? Que o mar, sob a lua, esqueça das ondas a sincronia;
Que as flores sedentas se esqueçam de beber o orvalho refrescante;
Tu mesmo te esqueças de tua terra adorada, e seus montes deslumbrantes.
Esqueces cada rosto, velho conhecido, cada ocasião tão querida...
Quando estas coisas forem por ti abandonadas, tu serás esquecida!

Guardas, se quiseres, tua paz virgem, sempre calma e despreocupada,
Não permita Deus que tua alma feliz por minha causa se veja desolada;
No entanto, enquanto essa alma é livre, ah! que a minha não saia a vagar,
E, sim, que alimente a fé humilde e a capacidade tolerante de amar;
Se estas, por anos resguardadas, no fim não me tiverem valia...
Então me esqueças; mas não acrediteis jamais que tu podes ser esquecida!

PRÓLOGO



Sangue na água

Atrás do vidro grosso de seu escritório numa cobertura de Mumbai, Lokesh tentava controlar a extraordinária fúria que circulava lentamente por suas veias. Nada correria conforme o planejado no acampamento dos baigas. Até mesmo os aldeões haviam se revelado fracos e desleais. É verdade que ele tinha capturado Dhiren, o príncipe-tigre branco, e tirado um pedaço importante do Amuleto Damon da garota, mas não conseguira acabar o que começara.

Respirando fundo para acalmar a raiva, uniu os dedos e bateu com eles no lábio inferior, em um gesto deliberado, enquanto refletia sobre a luta. *Eles tinham armas especiais. Meus asseclas descobriram que, de algum modo, elas estavam ligadas à deusa Durga. Obviamente havia algum tipo de magia envolvida, e não era a magia fraca e rústica da tribo.*

A magia era uma ferramenta, um dom a ser usado por aqueles que eram sábios o bastante para compreendê-la e manipulá-la. Um truque do Universo que apenas algumas pessoas perseguiam e que só um número ainda menor era capaz de dominar. Lokesh o conhecia e iria usá-lo para trazer para si ainda mais poder. Os outros o consideravam perverso. Ele não acreditava em bem e mal – apenas em poderosos e impotentes. E estava determinado a pertencer à primeira categoria.

Por que Durga? Talvez a deusa os esteja guiando de alguma maneira.

Assim como acontecia com o bem e o mal, ele não acreditava em deuses. A fé era uma muleta, uma maneira conveniente de controlar as massas, que se transformariam em escravos débeis, optando por não usar o intelecto fraco que pudessem ter. Os crentes ficavam em casa chorando e rezando, prostrando-se em nome da assistência divina que nunca viria.

Um homem inteligente toma suas questões nas próprias mãos. Lokesh franziu a testa ao se lembrar da garota que escapara das suas. Ela provavelmente pensara que ele tinha fugido. Ele enviara reforços, mas os idiotas tinham voltado de mãos vazias. O centro de comando havia sido destruído. As câmeras e as gravações de vídeo desapareceram. Os baigas, o tigre e a garota não foram encontrados. Aquilo era extremamente... perturbador.

Um sino tocou quando seu assistente entrou na sala. Lokesh ficou escutando enquanto o homem, nervoso, explicava que o aparelho de rastreamento que ele tinha implantado no príncipe havia sido encontrado. O homem abriu a mão trêmula e largou os restos esmagados em cima da mesa. Sem proferir uma única palavra, Lokesh pegou o chip despedaçado e, usando o poder do amuleto, jogou o objeto junto com o assistente pela janela do sexagésimo andar. Ficou escutando os gritos enquanto o homem despencava, andar por andar. Quando ele estava prestes a atingir o solo, Lokesh murmurou algumas palavras, fazendo com que um buraco se abrisse no chão bem embaixo de seu assistente e ele fosse enterrado vivo.

Depois de dar conta dessas distrações decepcionantes, tirou do bolso seu prêmio conquistado a tão duras penas. O vento soprou forte pela janela quebrada e o sol se ergueu mais alto sobre a cidade agitada, lançando um facho de luz sobre a recém-adquirida quarta parte do amuleto. Logo ele iria juntar *todas* as peças e teria, enfim, meios de realizar tudo aquilo com que sempre havia sonhado desde que soubera da existência daquele objeto. Lokesh sabia que o amuleto completo iria transformá-lo em algo novo... em algo... mais. Em algo... perfeito. Apesar de ele ter prolongado deliberadamente o processo e de ter se deliciado com a ansiedade da espera quase tanto quanto com a vitória, havia chegado a hora.

Um arrepio de prazer percorreu-lhe o sangue quando tocou no quarto segmento de seu precioso conjunto.

Não encaixava.

Ele virou e inclinou o pedaço, mas ele não se ajustava aos outros. *Por quê? Eu o arranquei do pescoço da garota no acampamento dos baigas. Era a mesma parte do amuleto que ela usava em ambas as visões.*

No mesmo instante, uma sombra negra e densa de ódio recaiu sobre ele. Rangendo os dentes, ele esmagou a ofensiva imitação e deixou que o pó escapasse pelo punho apertado enquanto cada célula de seu corpo ardia numa tempestade flamejante. Fagulhas de luz azul espocavam e estalavam entre seus dedos.

Ondas coléricas varreram sua mente, abatendo-se contra a barreira fina de sua pele. Sem ter uma válvula de escape para aplacar seus impulsos violentos, ele cerrou os punhos e enterrou o próprio poder dentro de si. *A garota! Ela me enganou!*

A raiva pulsava em suas têmporas enquanto ele refletia sobre Kelsey Hayes. Ela o fazia pensar numa outra mulher, que vivera vários séculos antes dela: Deschen, a mãe dos tigres. *Aquela era uma mulher cheia de paixão,* lembrou – diferente da própria esposa, que ele matara quando ela lhe deu uma menina, Yesubai. Lokesh queria um filho. Um herdeiro. *Meu filho e eu poderíamos ter governado o mundo.*

Depois da decepção com o nascimento da filha, ele tinha tramado um novo plano: matar Rajaram e tomar Deschen como esposa. Parte da diversão teria sido domá-la. Uma luta esplêndida...

Já fazia muito tempo desde que Deschen tinha partido, mas, por sorte, os tigres haviam levado Kelsey até ele. A garota era mais do que ele pedira. *Muito* mais. Lentamente, sua raiva em brasa foi se transformando. Aquilo cozinhava e fervilhava em sua mente, os pensamentos se formando e estourando feito bolhas ulcerosas até que sua determinação tomasse a forma de um desejo obscuro, enlouquecedor.

Kelsey possuía a mesma bravura ardorosa de Deschen, e ele sentiria um prazer perverso em tirá-la dos filhos de Rajaram. De repente, seus dedos coçaram de vontade de voltar a tocar a pele macia da garota. Como seria prazeroso cravar-lhe a faca. Enquanto considerava essa ideia, passou o dedo pela beirada afiada do vidro quebrado da janela. Talvez ele até permitisse que os tigres vivessem para se deleitar com a comoção que causaria a eles. *Sim. Enjaular os príncipes e fazer com que assistam enquanto eu a subjugo será altamente prazeroso. Sobretudo depois disto.*

Tanto tempo. Esperei tanto tempo.

Apenas um pensamento o acalmava: a batalha estava longe do fim. Ele iria encontrá-la. Sua equipe já estava fazendo buscas por toda a Índia, monitorando os templos de Durga e vigiando cada terminal de transporte via terra, água e ar. Ele era um homem que não se arriscava e não deixava ponto sem nó. Atacaria novamente. Afinal de contas, era apenas uma garota.

Logo, ele pensou. Lokesh estremeceu ao se imaginar tocando-a mais uma vez. Ele quase era capaz de senti-la. *Imagino como deve ser o grito dela.* Ficou surpreso com o fato de estar quase mais ansioso para capturar a garota do que para obter o amuleto. A necessidade de dominá-la era feroz. Aquilo o

rasgava por dentro, e seus dedos voltaram a coçar. Logo ele teria a garota e iria unir as peças do amuleto. *Mas, quando eu colocar as mãos nela, vou precisar ser paciente. Apressar as coisas tem sido a minha ruína.*

Ele girou um dos anéis que tinha no dedo. Talvez não devesse ter esperado um combate fácil com os tigres. Tinham dado tanto trabalho na primeira vez... No entanto, não eram os únicos predadores da Índia. Ele também era uma criatura a ser temida. Era como um tubarão mortal, singrando a água em silêncio, aguardando o momento certo.

Lokesh sorriu. Tubarões eram criaturas admiráveis, o predador máximo, a criatura dominante no oceano. No reino animal, predadores nascem como tais. Um homem, porém, escolhe ser um predador, despedaçando aqueles que se contrapõem a ele, quebrando os ossos de todos que lhe fazem oposição e devorando seus inimigos. Ele opta por ser o predador ou a presa.

Muito tempo antes, Lokesh decidira que ficaria no topo da cadeia alimentar. Agora só restavam em seu caminho uma família e uma garota. *E nenhuma garota tem qualquer chance depois que sinto o cheiro de seu sangue na água.*

Lokesh cofiou a barba, pensativo, e sorriu ao se imaginar rodeando-a. As águas estavam marcadas com o cheiro da isca. Eles jamais perceberiam sua aproximação.



A vida sem amor

Será que ele vai mesmo fazer isto?

Fiquei olhando fixamente para Ren, para ver se encontrava algum indício de emoção.

Um minuto inteiro se passou. No segundo em que ele tomou a decisão, eu já sabia qual era.

Ren estendeu a mão para fazer sua jogada.

– Ganhei. – Ele sorriu ao tirar o peão de Kishan do tabuleiro e pôr o dele na casa de chegada. Então recostou-se na cadeira, cruzou os braços sobre o peito e se vangloriou: – Eu disse a você. Nunca perco uma partida de ludo.

Fazia mais de um mês que tínhamos resgatado Ren das torturas e da prisão no acampamento baiga de Lokesh e três semanas desde a minha trágica festa de aniversário... e a vida era um purgatório. Apesar de eu ter dado a ele o meu diário e de ter usado toda a farinha de trigo disponível para fazer os famosos biscoitos da minha mãe – de chocolate com manteiga de amendoim –, Ren infelizmente não se lembrava de mim. Algo acontecera a ele enquanto estava nas mãos de Lokesh. Agora tínhamos nos reencontrado, mas não estávamos mais juntos.

Mesmo assim eu me recusava a perder a esperança de que um milagre pudesse fazer com que ele recuperasse o nosso passado e continuava determinada a libertá-lo. Ainda que Ren jamais voltasse a ser meu, eu tinha assumido o compromisso de procurar os outros dois presentes a fim de completar a profecia da deusa Durga e quebrar a maldição do tigre, para que os dois príncipes fossem pessoas normais outra vez. O mínimo que eu podia fazer pelo homem que eu amava era não decepcioná-lo.

Cada dia que eu passava perto de Ren sem estar *com* ele era mais difícil do que o anterior. O Sr. Kadam fazia o que podia para me distrair e o irmão

de Ren, Kishan, respeitava meus sentimentos e não saía do meu lado, como um amigo, sempre me apoiando, apesar de cada olhar e cada toque deixarem bem claro que ele ainda estava interessado em algo mais.

Nem Ren nem eu sabíamos como agir quando estávamos perto um do outro. Nós quatro parecíamos estar pisando em ovos, à espera de que alguma coisa – qualquer coisa – acontecesse. Apenas Nilima, a tatatatataraneta do Sr. Kadam, fazia com que continuássemos respirando, comendo e mantendo a mente sã.

Numa noite especialmente chorosa, encontrei o Sr. Kadam na sala do pavão. Ele estava lendo um livro à luz suave de um abajur. Sentei-me ao lado dele, apoiei a cabeça sobre seus joelhos e chorei baixinho. Ele afagou minhas costas e cantarolou uma canção de ninar indiana. Acabei me acalmando e compartilhei meus temores. Disse a ele que estava preocupada achando que meu relacionamento com Ren fosse irrecoverável e perguntei se um coração partido realmente poderia ser curado.

– Acho que já sabe a resposta, Srta. Kelsey. O seu coração estava pleno e feliz antes, quando estava com Ren?

– Estava.

– Não estava machucado demais para amar Ren por causa da morte de seus pais?

– Não. Mas esses são dois tipos diferentes de amor.

– São diferentes em alguns aspectos, mas iguais em outros. A sua capacidade de amar não diminui. Você ainda ama seus pais, não ama?

– Claro que sim.

– Então imagino que o que a senhorita esteja sentindo não se deva a uma ferida nem à diminuição do tamanho do seu coração, mas sim à ausência da pessoa amada.

Olhei para o sábio empresário indiano e suspirei.

– É bem triste sentir a ausência de quem amo quando ele está no mesmo lugar que eu.

– É mesmo – admitiu o Sr. Kadam. – Talvez o melhor seja não fazer nada.

– Quer dizer que devo desistir dele?

Ele deu tapinhas no meu braço, refletiu por um momento e contou uma história:

– Uma vez um dos meus filhos pegou um passarinho com a asa machucada. Passou a cuidar dele e tornou-o seu bichinho de estimação. Um dia trouxe o passarinho até mim. Estava morto. Ele explicou que o bichinho tinha se curado e batido as asas, mas meu filho entrou em pânico e o agarrou antes

que voasse para longe. Segurou com tanta força que o sufocou. O passarinho poderia ter escolhido ficar com meu filho ou ir embora voando. Qualquer uma dessas duas opções teria levado a uma conclusão mais feliz. Se o passarinho houvesse partido, meu filho ficaria triste, mas iria se lembrar dele com um sorriso. Em vez disso, sentiu-se arrasado com a morte do bicho de estimação e teve muita dificuldade para se recuperar da experiência.

– Então o senhor está *mesmo* dizendo que devo abrir mão de Ren?

– Estou dizendo que a senhorita vai ficar mais feliz se *ele* estiver feliz.

– Com toda a certeza não quero sufocar Ren. – Suspirei e me sentei sobre as pernas. – Também não quero evitá-lo. Gosto de estar perto dele, e evitá-lo complicaria nossa busca pelos presentes de Durga.

– Posso sugerir que tente ser amiga dele?

– Ele sempre foi meu amigo. Talvez, se eu conseguisse recuperar essa parte dele, não iria me sentir como se tivesse perdido tudo.

– Acho que está certa.

Ser amiga de Ren? Fiquei pensando naquilo enquanto soltava a fita que prendia minha trança e subia a escada para ir dormir. *Bom, isso é melhor que nada, e neste momento tudo o que tenho é um monte de nada.*

No dia seguinte o Sr. Kadam e Nilima prepararam um brunch. Quando descii eles já não estavam por lá, mas encontrei Ren na cozinha, enchendo um prato com frutas e pães doces. A cada dia ele se parecia mais com o velho Ren. Estava ganhando corpo e o cabelo escuro recuperava o brilho. Os lindos olhos azuis me observaram com uma expressão preocupada quando peguei um prato.

Ao me aproximar da travessa de morangos, esbarrei nele com o quadril e ele ficou paralisado.

– Você pode chegar mais para lá, por favor? Quero pegar um desses pães recheados antes que Kishan apareça.

Ren despertou de seu transe.

– Claro. Desculpe.

Ele pôs o prato na mesa e eu me sentei à sua frente. Ficou me observando enquanto tirava bem devagar o papel de um muffin. Corei um pouco, ciente de sua atenção.

– Está tudo bem? – perguntou, hesitante. – Ouvi você chorar ontem à noite.

– Estou bem.

Ele bufou e começou a comer, mas não tirou os olhos de mim. Quando estava quase terminando, desviou o olhar.

– Tem *certeza*? Sinto muito se a deixei chateada... de novo. É só que eu não me lembro...

Ergui a mão e fiz com que ele parasse imediatamente.

– Você sente o que sente, Ren.

– Mesmo assim, peço desculpas por magoar você – disse ele baixinho.

Espetei um pedaço de melão com o garfo. Apesar de tentar parecer des preocupada, estava achando difícil seguir o conselho do Sr. Kadam. Meus olhos ardiavam.

– Por qual das vezes? Quando disse no meu aniversário que eu não sou bonita? Que não suporta ficar perto de mim? Que acha Nilima linda? Ou...

– Certo. Já entendi.

– Que bom, porque eu gostaria de parar de falar sobre isso.

Depois de um instante, ele continuou:

– Na verdade, eu não disse que você não é bonita. Eu só disse que você é nova demais.

– Nilima também é, pelos *seus* padrões. Você tem mais de 300 anos!

– É verdade.

Ele deu um sorriso torto, na tentativa de me alegrar.

– Tecnicamente, você deveria namorar uma senhora de idade muito avançada.

Um sorrisinho minúsculo passou pelos meus lábios.

Ele fez uma careta.

– Também quero que saiba que é muito fácil ficar perto de você e gostar de você. Eu nunca tinha tido essa reação com ninguém. Eu me dou bem com a maioria das pessoas. Não há razão para que eu sinta necessidade de fugir quando você se aproxima.

– A não ser a pressão para que recupere a memória...

– Não, não é a pressão. É... outra coisa. Mas resolvi ignorar.

– Você consegue fazer isso?

– Claro. Quanto mais tempo passo perto de você, mais intensa é a reação. O difícil não é falar com você, é a proximidade. Nós devíamos tentar conversar pelo telefone para ver se faz diferença. Vou me esforçar para criar imunidade.

– Entendi. Então seu objetivo é adquirir tolerância a mim. – Suspirei. – Tudo bem.

– Vou continuar tentando, Kelsey.

– Não se esforce demais, porque não faz mais diferença. Resolvi ser só sua amiga.

Ele se inclinou para a frente e disse em tom conspiratório:

– Mas você não continua... apaixonada por mim?

Eu também me inclinei para a frente.

– Não quero mais falar sobre esse assunto.

Ren cruzou os braços por cima do peito.

– Por que não?

– Porque Lois Lane nunca sufocou o Super-Homem.

– Do que você está falando?

– Vamos ter que assistir ao filme. O importante é que não quero prender você. Então, se quiser ficar com Nilima, vá em frente.

– Espere um minuto! Você vai me dispensar assim?

– Algum problema?

– Problema nenhum. É só que andei lendo o seu diário e, para uma garota que supostamente é louca por mim, você está desistindo bem rápido.

– Eu não estou *desistindo* de nada. Não tem nada entre nós para que eu desista.

Ele ficou me encarando enquanto eu espetava outro pedaço de fruta.

Esfregando o queixo, perguntou:

– Então, você quer ser minha amiga?

– Quero. Sem pressão, sem lágrimas, sem lembretes constantes de coisas de que você se esqueceu, sem nada. Vamos apenas recomeçar. Do zero. Vamos aprender a ser amigos e a nos dar bem apesar de sua vontade de sair correndo. O que me diz? – Eu limpei a mão num guardanapo e a estendi. – Temos um acordo?

Ren refletiu, sorriu e apertou minha mão.

– O que estão combinando? – perguntou Kishan ao interromper a conversa mais longa que Ren e eu tivéramos desde antes de ele ter sido capturado.

– Kelsey acabou de concordar em demonstrar para mim seu poder de emitir raios – Ren mentiu com desenvoltura. – Quero muito ver como é soltar fogo pelas mãos.

Olhei-o com a sobrancelha erguida. Ele sorriu e deu uma piscadela, então se levantou e levou nossos pratos para a pia. Os olhos dourados de Kishan me fitaram desconfiados, mas ele se sentou e pegou a metade que tinha sobrado do meu pão recheado. Dei um tapa de brincadeira na mão dele e apanhei um pano de prato para ajudar Ren. Quando terminamos, ele roubou o pano de mim e bateu de leve com ele na minha coxa. Eu dei risada, contente com nossa nova interação, e, quando me virei, deparei com Kishan nos olhando com a testa franzida.

Ren colocou o braço de leve por cima dos meus ombros e aproximou a cabeça do meu ouvido:

– “Aquele Cássio tem um aspecto magro e faminto. Ele pensa demais; homens assim são perigosos.” É melhor ficar de olho nele, Kelsey.

Eu ri, feliz por ele se lembrar de Shakespeare, apesar de não se lembrar de mim.

– Não se preocupe com Kishan, César. Ele late mais do que morde.

– Ele anda mordendo você?

– Não ultimamente.

– Hum. Vou ficar de olho – disse Ren e saiu da cozinha.

– Que história foi essa? – quis saber Kishan, grunhindo, e eu tive um vislumbre do tigre negro e feroz que se escondia por trás de seu olhar.

– Ele está comemorando a emancipação.

– Como assim?

– Eu disse a ele que gostaria que fôssemos amigos.

Kishan fez uma pausa.

– É isso que *você* quer?

– O que *eu* quero é irrelevante. Ser meu amigo é algo que ele é capaz de fazer. Ser meu namorado não está em cogitação neste momento.

Felizmente Kishan se manteve em silêncio. Dava para ver que ele queria se oferecer como substituto, tanto a sério quanto por brincadeira, mas mordeu a língua. Por ter agido assim, dei-lhe um beijo no rosto ao sair.

Com o gelo finalmente quebrado entre mim e Ren, todos pudemos seguir em frente e logo entramos numa rotina. Eu falava com meus pais adotivos, Mike e Sarah, toda semana. Não dizia quase nada a eles além de que eu estava bem e ocupadíssima como assistente do Sr. Kadam. Garanti que iria terminar meu primeiro ano na Western Oregon à distância e informei que passaria as férias de verão fazendo um estágio na Índia.

Eu treinava artes marciais com Kishan bem cedo, depois tomava café da manhã com Ren e ajudava o Sr. Kadam a pesquisar a terceira parte da profecia de Durga à tarde. À noite, o Sr. Kadam e eu preparávamos o jantar juntos, menos quando ele queria fazer curry. Nessas noites eu providenciava um jantar só para mim, usando o Fruto Dourado.

Depois do jantar, a gente jogava, assistia a filmes e às vezes lia na sala do pavão. Kishan só ficava na biblioteca quando eu contava uma história, enroscando-se aos meus pés na forma de tigre negro. Começamos a ler

todos juntos *Sonhos de uma noite de verão*. O Sr. Kadam comprou vários exemplares para que cada um pudesse ler um trecho. Eu gostava de poder compartilhar aqueles momentos com Ren.

O Sr. Kadam estava certo, como sempre. Ren parecia mesmo feliz. Todo mundo reagia bem à melhora de humor dele, inclusive Kishan que, de algum modo, passara de irmão mais novo melancólico e ressentido a um homem cheio de autoconfiança. Kishan mantinha distância, mas seus olhos dourados sedutores me faziam corar.

Às vezes, à noite, eu encontrava Ren na sala de música tocando violão. Ele dedilhava canções e dava risada quando eu pedia “My Favorite Things” de *A noviça rebelde*. Numa dessas noites, Ren tocou a música que tinha composto para mim. Fiquei olhando para ele, atenta, na esperança de que alguma lembrança pudesse ser despertada. Ele ia tocando as notas com suavidade, profundamente concentrado. Mas sempre empacava e precisou recomeçar várias vezes.

Quando percebeu que eu estava olhando, deixou as mãos caírem e deu um sorriso tímido.

– Desculpe. Parece que não consigo me lembrar desta. Você tem algum pedido para esta noite?

– Não – respondi secamente e me levantei.

Ren pegou minha mão mas logo a largou.

– O que foi? Você está triste. Mais do que o normal.

– Essa música... ela é...

– Ah, a música? Você já tinha escutado?

– Não – menti e dei um sorriso triste. – Ela é... linda.

Apertei sua mão e me afastei aos tropeços antes que ele pudesse fazer mais perguntas. Enxuguei uma lágrima enquanto subia a escada. Ainda pude escutar quando ele tentou tocar a música de novo, procurando descobrir o lugar de cada nota.

Numa outra noite eu estava relaxando na varanda, sentindo o cheiro do jasmim e olhando as estrelas, quando ouvi Kishan e Ren conversando.

– Você mudou – disse Ren ao irmão. – Não é mais o mesmo de seis meses atrás.

– Ainda sou capaz de esfolar essa sua pelagem branca, se é disso que você está falando.

– Não, não é isso. Você ainda é um lutador forte, mas agora está mais relaxado, mais seguro, mais... sereno. – Ele deu risada. – E está muito mais difícil irritar você.

Kishan respondeu baixinho:

– Ela me fez mudar. Estou me esforçando muito para me transformar no tipo de homem de que ela precisa, no tipo de homem que ela já acredita que eu seja.

Ren não respondeu e os dois entraram em casa. Fiquei ali sentada em silêncio, pensando profundamente sobre as palavras de Kishan. *Quem diria que a vida e o amor pudessem ser tão complicados?*



A retomada do relacionamento

Alguns dias depois, o Sr. Kadam nos reuniu na sala de jantar. Quando ocupamos as cadeiras ao redor da mesa, desejei em segredo que ele não fosse nos dar uma notícia ruim e que Lokesh não tivesse nos encontrado de novo.

– Eu gostaria de propor uma ideia – começou o Sr. Kadam. – Descobri uma maneira de garantir que possamos encontrar uns aos outros se, por acaso, alguém for sequestrado mais uma vez. Não é nada agradável, mas acredito que um pequeno desconforto seja um preço baixo a pagar para termos certeza de que ninguém vai se perder.

Ele abriu uma caixa e tirou de dentro um pacote envolto em plástico-bolha. Nele, havia um rolo de veludo preto que se abriu para revelar cinco seringas grossas com agulhas do tamanho de um espinho gigante de porco-espinho.

Nervosa, perguntei:

– Hã... Sr. Kadam? O que quis dizer exatamente quando falou em um *pequeno* desconforto?

Ele abriu a primeira seringa e pegou um frasco de soro fisiológico e alguns lencinhos umedecidos com álcool.

– Vocês já ouviram falar de etiquetas RFID?

– Não – respondi, assustada, enquanto o observava pegar a mão esquerda de Kishan, limpar a área entre o polegar e o indicador com um lençinho e depois passar uma pomada amarela no mesmo lugar.

– São etiquetas para identificação por frequência de rádio, ou *Radio Frequency Identification*, em inglês. São usadas em animais.

– Está falando dos transmissores que colocam em baleias e tubarões?

– Não exatamente. Aqueles são maiores e se soltam depois que param de funcionar.

Ren se inclinou para a frente e pegou um chip mais ou menos do tamanho de um grão de arroz.

– É parecido com o que Lokesh implantou em mim.

Ele pôs o chip na mesa e esfregou as mãos devagar, com o olhar perdido.

– Doeu? Dava para sentir dentro da sua pele? – perguntei, tentando trazê-lo de volta do lugar obscuro qualquer a que tinha ido.

Ren soltou a respiração e me lançou um sorriso pálido.

– Na hora a dor foi mínima, mas, sim, dava para sentir por baixo da pele.

– Nossos sensores são um pouco diferentes. – O Sr. Kadam hesitou e então completou: – Ninguém é obrigado a usá-los, mas acho que será uma proteção extra para todos nós.

Ren assentiu com a cabeça, e o Sr. Kadam prosseguiu:

– Estes são parecidos com aqueles colocados em bichos de estimação. Emitem uma frequência, geralmente um número de 10 dígitos, que pode ser escaneada através da pele.

Ele observou nossa reação antes de prosseguir:

– Os chips são envoltos em vidro biocompatível para impedir que entrem em contato com a umidade. Os sensores RFID para seres humanos ainda não são usuais, mas estão começando a ser aprovados com fins clínicos. Eles identificam histórico de saúde, alergias e os tipos de medicamentos que uma pessoa está tomando.

Ele pôs um pouco de soro fisiológico dentro da seringa e trocou a agulha menor pela gigantesca. Então colocou um chip minúsculo na abertura da agulha. Apertou a pele entre o polegar e o indicador de Kishan e inseriu a agulha com cuidado. Eu desviei o olhar.

Imperturbável, o Sr. Kadam continuou:

– Agora, para os grandes animais marinhos de que você estava falando, os pesquisadores usam sensores por satélite que transmitem de tudo, desde a atual localização em longitude e latitude até a profundidade do animal, a duração do mergulho e a velocidade de natação. Esse tipo de etiqueta é externa e fica presa a uma bateria que acaba gastando com a transmissão de informação. A maior parte delas dura pouco tempo, mas as mais caras podem resistir alguns meses.

Ele apertou uma bola de algodão contra a mão de Kishan, removeu a agulha e cobriu a pele com um curativo.

– Ren?

Kishan e Ren trocaram de lugar, e o Sr. Kadam recomeçou o processo com Ren.

– Existem alguns sensores internos que são colocados em animais marinhos para medir os batimentos cardíacos, a temperatura da água, a temperatura do corpo e a profundidade do animal. Muitos deles transmitem as informações a satélites quando o animal vem à tona.

Ele escolheu uma seringa nova, injetou um pouco de soro, substituiu a agulha e colocou outro chip na abertura. Quando pegou a pele de Ren entre os dedos e se aproximou, eu fiz uma careta. Ren olhou para cima e me encarou. Então sorriu e disse:

– É moleza.

Ele estava tentando me passar segurança, mas a cor se esvaiu do meu rosto.

– É sério. Não é assim tão ruim.

Forcei um sorriso.

– Não acho que a sua tolerância para dor seja igual à minha, mas vou sobreviver. O que estava dizendo mesmo, Sr. Kadam?

– Ah, sim. Então, o problema com os chips RFID e os sensores por satélite é a energia. O que temos aqui tecnicamente não está no mercado e é provável que nunca vá estar, isso por causa do medo que as pessoas têm de roubo de identidade e de as agências governamentais nos monitorarem. Quase todos os avanços tecnológicos podem ser usados tanto para benefício quanto para prejuízo da humanidade. Compreendo os temores associados a esse mecanismo, mas existem muitas razões válidas para explorar tecnologias como essa. Felizmente, tenho contatos nas Forças Armadas, e eles costumam ir a lugares onde outros têm medo de pisar. Os nossos sensores podem fazer todas essas coisas e muito, muito mais, transmitindo dados o tempo todo, mesmo muito acima ou muito abaixo do nível do mar.

Ele terminou com Ren e olhou para mim. Com hesitação, afastei a cadeira para trás e troquei de lugar com Ren. Quando me sentei, o Sr. Kadam deu tapinhas na minha mão. Eu me peguei olhando fixamente para a agulha enquanto ele tornava a substituí-la. Escolheu a mão que não estava marcada pelas tatuagens de hena de Phet e repetiu o processo de limpar e passar pomada.

– Estou aplicando um medicamento tópico que vai anestesiá-lo um pouco a área, mas, mesmo assim, a injeção vai doer.

– Tudo bem.

Ele pôs um chip na ponta da agulha grande. Quando pegou minha pele entre os dedos, fechei os olhos e cerrei os dentes, inspirando nervosa enquanto ele procurava o lugar certo.

A mão quente de Kishan pegou a minha e ele disse, com ternura:

– Aperte com toda a força, Kells.

O Sr. Kadam inseriu a agulha devagar. Doeu. Parecia que ele estava enfiando uma das enormes agulhas de tricô da minha avó na minha pele. Apertei a mão de Kishan e comecei a respirar rápido. Passaram-se segundos que pareceram minutos. Ouvi o Sr. Kadam dizer que precisava ir um pouco mais fundo.

Não consegui engolir o gemido de dor e me contorci na cadeira enquanto ele girava a agulha e a enfiava mais. Meus ouvidos começaram a zumbir, e as vozes ao meu redor ficaram mais grossas. Eu ia desmaiar. Nunca me achei fresca, mas percebi que agulhas me deixavam enjoada. Quando estava prestes a ceder, abri os olhos e procurei Ren.

Ele me observava com preocupação. Quando nossos olhos se encontraram, ele lançou para mim o meu sorriso torto preferido, a expressão doce que só usava comigo, e, apenas por um instante, a dor desapareceu. Naquele breve instante, eu me permiti acreditar que ele ainda era meu e que me amava. Todas as outras pessoas presentes na sala desapareceram e só havia nós dois.

Tive vontade de tocar-lhe o rosto e jogar para trás seu cabelo preto sedoso ou traçar o arco de suas sobrancelhas. Fiquei olhando para aquele semblante lindo, deixando esses sentimentos tomarem conta de mim, e, naquele momento fugidio, senti o resquício de nossa conexão emocional.

Foi só um lampejo, como um perfume percebido na brisa que passa soprando rápido demais, trazendo consigo a lembrança de algo que não se consegue apreender muito bem. Eu não tinha certeza se era um truque da luz, um bruxulear de algo real ou de algo criado por mim, mas prendeu minha atenção. Todo o meu ser estava concentrado em Ren, de modo que, quando o Sr. Kadam tirou a agulha e a substituiu por um chumaço de algodão, eu percebi que tinha largado completamente a mão de Kishan.

O som de vozes me fez recobrar a consciência. Fiz que sim com a cabeça em resposta à pergunta de Kishan e voltei a olhar da minha mão para Ren, mas ele havia saído da sala. O Sr. Kadam pediu a Kishan que o ajudasse a colocar o próprio sensor e começou a explicar a diferença entre a nossa tecnologia e as outras que ele tinha descrito.

Eu escutava apenas parte do que dizia, mas ouvi quando ele falou que poderíamos acessar os sensores uns dos outros com celulares novos, que distribuíu logo em seguida. Explicou como a fonte de energia funcionava. Permaneci lá sentada, assentindo de vez em quando, mas só despertei do transe quando Kishan se levantou, vários minutos depois. O Sr. Kadam me ofereceu aspirina e água. Tomei os comprimidos e fui para o quarto.

Inquieta e incomodada, deitei-me por cima das cobertas e não consegui pregar os olhos. Minha mão estava dolorida, e dormir com ela sob a bochecha estava fora de cogitação.

Ouvi uma batida de leve à porta.

– Pode entrar.

– Ouvi você rolar de um lado para outro e imaginei que ainda estivesse acordada – disse Ren, fechando a porta atrás de si. – Espero não estar incomodando.

Eu me sentei na cama e acendi o abajur.

– Não. Tudo bem. O que aconteceu? Quer ir para a varanda?

– Não. Kishan parece ter se instalado lá permanentemente.

– Ah. – Olhei pela janela e vi uma cauda negra caindo pela beirada do banco, balançando preguiçosa. – Vou falar com ele sobre isso. Ele não precisa ficar cuidando de mim feito uma babá. Estou perfeitamente segura aqui.

Ren deu de ombros.

– Ele gosta de tomar conta de você.

– Então, sobre o que você queria conversar?

Ele se sentou na beirada da minha cama.

– Eu... não sei direito. Como está a sua mão?

– Está ardendo. E a sua?

– A minha já sarou.

Ele ergueu a mão e eu a peguei, para examinar. Nem dava para ver que havia algo sob a pele. Por um instante, Ren entrelaçou nossos dedos. Eu corei e ele passou as costas da mão de leve na minha bochecha quente, o que fez minha pele arder ainda mais.

– Você está vermelha.

– Eu sei. Desculpe.

– Não peça desculpa. Isso me deixa bastante... lisonjeado.

Permaneci imóvel e observei a expressão dele enquanto se concentrava no meu rosto. Ele ergueu a mão e tocou uma mecha do meu cabelo. Passou os

dedos pelo comprimento dos fios. Prendi a respiração e ele também, mas por um motivo diferente. Uma gota de suor escorreu-lhe pela testa quando recuou.

– Está tudo bem?

Ren fechou os olhos e respirou fundo.

– Fica pior quando eu toco em você.

– Então, não toque.

– Eu preciso superar isso. Me dê a sua mão.

Coloquei minha mão direita na de Ren, e ele a cobriu com a esquerda. Em seguida fechou os olhos e segurou minha mão por um minuto inteiro. Senti um leve tremor em seu braço. Finalmente, ele me soltou.

– Já está na hora de você se transformar em tigre?

– Não, ainda tenho tempo. Agora consigo permanecer na forma humana por 12 horas.

– Mas por que está tremendo?

– Não sei. Parece que tem alguma coisa me queimando quando encosto em você. Meu estômago se encolhe, vejo tudo embaçado e a cabeça começa a latejar.

– Tente se sentar ali – sugeri, apontando para o sofá.

Teimoso, ele se sentou no chão com as costas apoiadas na cama e ergueu um dos joelhos para escorar o cotovelo.

– Está melhor assim? – perguntei.

– Está. A queimação se foi, mas a visão embaçada, a dor de cabeça e a sensação ruim no estômago continuam.

– Você sente dor quando está em alguma outra parte da casa?

– Não. Só tocar em você provoca essa dor lancinante. Vê-la ou ouvi-la causa os outros sintomas, em graus variados. Se você estiver sentada longe, sinto só uma pontada. É apenas desconfortável e eu tenho que lutar contra a vontade de sair de perto. Pegar a sua mão ou tocar o seu rosto é como segurar carvões em brasa.

– Logo que você voltou e nós conversamos, você pôs o meu pé no seu colo. Aquilo não doeu?

– O seu pé estava sobre uma almofada. Só encostei nele durante alguns segundos, e eu estava sentindo tanta dor naqueles dias que nem fez diferença.

– Vamos testar. Fique ali perto da porta do banheiro, e eu vou para o outro lado do quarto.

Ele foi até lá.

– E aí? O que está sentindo agora?

– Sinto que preciso sair daqui. O desconforto diminuiu, mas quanto mais tempo eu permanecer, pior vai ficar.

– A necessidade de fugir é uma sensação muito terrível? É como se você precisasse correr para salvar a vida?

– Não. É um desespero que vai crescendo... como quando você prende a respiração embaixo d'água. No começo é tranquilo, talvez até um pouco gostoso, mas logo parece que meus pulmões estão gritando por ar.

– Hum, talvez você esteja com transtorno de estresse pós-traumático.

– O que é isso?

– É um problema que aparece depois que uma pessoa foi exposta a um trauma terrível e a altos níveis de estresse. Soldados em combate costumam ter isso. Lembra que você disse a Kishan que, quando escutava o meu nome, só enxergava as torturas e os interrogatórios de Lokesh?

– Lembro. Ainda tem um pouco disso, eu acho. Mas agora que conheço você melhor já não a associo tanto a ele. Agora sou capaz de distanciar essas coisas de você. O que aconteceu não foi por sua causa.

– Parte dos seus sintomas em relação a mim ainda pode estar ligada a isso. Talvez você precise de terapia.

Ren deu uma risadinha.

– Kelsey, em primeiro lugar, um terapeuta iria me mandar para um hospício quando eu afirmasse que sou um tigre. Em segundo, batalhas sangrentas e dor não são novidade para mim. Não foi a primeira vez que Lokesh me torturou. Com certeza foi uma experiência pela qual eu não gostaria de passar outra vez, mas sei que a culpa não é sua.

– Mas pedir ajuda de vez em quando não o torna menos homem.

– Não estou tentando ser forte e heroico. Se faz você se sentir melhor, saiba que já comecei a conversar com Kishan sobre isso.

Fiquei pasma.

– Ele tem ajudado?

– Kishan parece... surpreendentemente solidário. Ele é um homem diferente agora. Disse que mudou por sua causa. Você o influenciou. Despertou um lado nele que eu não via desde a morte da nossa mãe.

Concordei com a cabeça.

– Ele é uma boa pessoa.

– Conversamos sobre muitas coisas. Não só sobre Lokesh, mas também sobre o nosso passado. Ele me falou de Yesubai e de como vocês dois se tornaram próximos.

– Ah. – Durante um momento de pânico, imaginei se Kishan teria compartilhado outras coisas com Ren, como *seus sentimentos*. Eu não estava muito a fim de aprofundar essa questão, por isso mudei de assunto. – Não quero que você sinta dor nem que sofra quando está comigo. Talvez seja melhor evitar ficar perto de mim.

– Não quero isso. Eu gosto de você.

– *Gosta?*

Não pude deixar de sorrir.

– Gosto. Acho que foi por isso que namorei você – disse Ren, sem expressar emoção. Ele escorregou para o chão e apoiou as costas na porta do banheiro.

– Vamos ver quanto tempo eu aguento. Chegue mais perto.

Dei alguns passos para a frente.

– Não. Mais perto – disse ele com um gesto. – Sente-se na cama.

Eu me acomodei na cama e fiquei observando seu rosto em busca de sinais de dor.

– Você está bem?

– Estou.

Ele esticou as pernas compridas e as cruzou na altura dos tornozelos.

– Fale sobre o nosso primeiro encontro.

– Tem certeza?

– Tenho. Agora está tolerável.

Fui para o lado da cama mais distante dele, entrei embaixo das cobertas e coloquei um travesseiro no colo.

– Certo. O nosso primeiro encontro provavelmente foi aquele em que você armou para que eu saísse com você.

– Quando foi isso?

– Logo depois de sairmos de Kishkindha. Naquele restaurante do hotel.

– No restaurante? Foi logo depois de eu ter recuperado seis horas?

– Foi. Do que você se lembra?

– De nada, a não ser de ter jantado pela primeira vez depois de séculos em um bom restaurante com uma mesa cheia de comida. Eu me senti... feliz.

– É capaz de você ter se sentido feliz mesmo. Estava todo convencido e paquerou a garçonete descaradamente.

– Sério? – Ele coçou o queixo. – Nem me lembro da garçonete.

Dei uma risada debochada.

– Como é que você sempre sabe a coisa certa a dizer até quando não consegue se lembrar de nada?

Ele sorriu.

– Deve ser um dom. Então, sobre a garçonete... ela era bonita? Conte mais.

Fiz um relato do nosso encontro e de como brigamos por causa do jantar. Falei que ele tinha encomendado um banquete e enganado o Sr. Kadam para que me levasse lá. Descrevi como estava bonito, nossa discussão e contei que eu tinha pisado no seu pé quando ele piscou para a garçonete.

– O que aconteceu depois do jantar?

– Você me levou até o meu quarto.

– E?

– E... nada.

– Eu nem lhe dei um beijo de boa-noite?

– Não.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Isso não combina comigo.

Tive que rir.

– Não é que você não quisesse. Estava me castigando.

– Castigando você?

– De certa maneira. Você queria que eu admitisse meus sentimentos.

– E você não admitiu?

– Não. Sou bem teimosa.

– Entendi. Então quer dizer que a garçonete me paquerou...

– Se não parar de sorrir só de pensar na garçonete, eu vou dar um soco no seu braço e fazer você sentir dor de verdade.

Ele deu risada.

– Você não faria isso.

– Faria.

– Sou tão rápido que você não conseguiria nem chegar perto.

– Quer apostar?

Engatinhei por cima da cama enquanto ele me observava com expressão divertida. Eu me inclinei para o lado, fechei a mão boa e desferi um golpe, mas ele desviou rápido, se levantou e agora estava ao pé da cama. Eu saí da cama e caminhei até a lateral, tentando encurralá-lo. Ele riu baixinho e fez um gesto para eu me aproximar. Fui me movendo em sua direção devagar, como quem vai dar o bote.

Ele ficou parado, com um sorriso cheio de confiança, e permitiu que eu me aproximasse. Quando eu estava a cinco passos de distância, o sorriso dele sumiu. A três passos, ele fez uma careta. A um passo, ele gemeu e cambaleou.

Afastou-se vários passos e se agarrou às costas da poltrona para se segurar enquanto respirava fundo algumas vezes.

– Acho que isto é o máximo que aguento por hoje. Sinto muito, Kelsey.

Recuei e disse baixinho:

– Eu também sinto muito.

Ele abriu a porta e me lançou um sorriso fraco.

– Acho que foi pior desta vez porque passei muito tempo segurando a sua mão. A dor aumentou depressa demais. Normalmente ficar perto de você não me afeta tanto assim.

Fiz que sim com a cabeça, e ele sorriu.

– Da próxima vez, vou me lembrar de só tocar em você no fim da noite. Durma bem.

– Você também.

Alguns dias depois, retomamos nossa aventura da maldição do tigre. Partiríamos para visitar o xamã Phet, que finalmente tinha respondido ao mensageiro do Sr. Kadam e informado que queria ver “os Tigres, Quel-si e os presentes especiais de Durga”. Ele foi bem específico ao dizer que apenas nós três deveríamos fazer a viagem.

Embora eu não tivesse verbalizado meu pensamento, fiquei torcendo para que Phet, com seus modos incomuns e místicos e suas poções de ervas, pudesse reverter a perda de memória de Ren.

Apesar de Ren e eu estarmos em situação bem melhor e os dois irmãos parecerem estar se dando bem desde a última vez que tínhamos pegado a estrada, eu ainda me sentia um pouco incomodada de ficar confinada num espaço pequeno com dois tigres esquentadinhos. *Bom, se eles se comportarem mal, é só atingi-los com um pequeno raio. Assim vão aprender a não brigar quando eu estiver por perto*, pensei com um sorriso e saí ao sol da manhã.

Os homens estavam parados perto do Jeep recém-lavado e abastecido quando eu saí pela porta. O Sr. Kadam colocou no banco de trás a mochila com as armas, piscou para mim e me deu um abraço. Joguei lá dentro uma bolsa com a colcha de minha avó, que até agora parecia estar nos dando sorte.

Todos usávamos botas de caminhada e calças cargo confortáveis, que Ren tinha feito com o Lenço Divino. Ele pesquisara modelos na internet e pedira que o Lenço criasse as peças em várias cores. Afirmara que o tecido da minha camiseta verde-maçã iria me proteger dos raios ultravioleta e ao

mesmo tempo deixar o corpo respirar. Fui obrigada a admitir que a camiseta era confortável e, para mostrar a ele quanto eu tinha gostado, preendi o cabelo em duas tranças compridas e amarrei as pontas com uma fita verde-maçã.

Kishan estava com uma camiseta vermelho-tijolo do mesmo tecido, mas tinha bolsos na costura lateral, e Ren usava uma camiseta sem costura azul-celeste que se ajustava ao seu corpo musculoso. Ele ainda estava magro, mas tinha começado a recuperar o peso nas semanas desde que voltara para casa, e suas sessões diárias de exercícios com Kishan estavam mostrando resultados. Obviamente, não demorou muito para os músculos dele se fazerem notar.

– Você consegue respirar com esta camiseta, Ren? – provoquei. – Podia ter escolhido um tamanho maior.

– A camiseta é justa para não atrapalhar os movimentos – respondeu ele.

Meu deboche deu lugar a risadinhas. Depois, incentivada por Kishan, a risada se transformou em acessos de gargalhada.

– Está achando que tem alguma garçonete bonitinha na selva, Ren? Não há motivo para você exibir os seus músculos.

Sem parar de rir, Kishan ocupou o assento do motorista.

Quando peguei na maçaneta da porta, Ren se inclinou e sussurrou no meu ouvido:

– Caso você não tenha notado, a sua camiseta também é bem apertada, Kelsey.

Fiquei boquiaberta.

– E pronto – disse ele.

Dei-lhe um soco no braço e sibilei:

– Pronto o quê?

Ele se encolheu e esfregou o braço, mas sorriu.

– Seu lindo rosto corado.

Ele entrou no carro e empurrou Kishan de brincadeira para também poder escutar as instruções que o Sr. Kadam estava dando, junto com a recomendação para que Kishan dirigisse com cuidado e não batesse o Jeep.

Sentei-me no banco de trás e afivelei o cinto, determinada a ignorar as briguinhas dos irmãos. Eles tentaram me incluir na conversa, mas eu não estava prestando atenção; em vez disso, enfiei o nariz em um livro.

Foram tagarelando a viagem toda, e fiquei fascinada com o tom deles. Nunca tinha ouvido os dois conversarem com tanta... *civilidade*. Ren falou a Kishan sobre a primeira vez que tínhamos visitado Phet e, gentilmente,

pediu que eu preenchesse as lacunas. Ele se lembrou de boa parte. Só que, de algum modo, esqueceu tudo que se referia a mim.

Falei do amuleto no meu pescoço, da tatuagem de hena que Phet fez na minha mão e de como nós percebemos que ela me dava o poder de acessar cidades míticas. Ren não se lembrava de nada disso e não fazia ideia de como conseguira entrar nos lugares se eu não estava em cena. Simplesmente deu branco nele.

Quando chegamos ao Santuário de Yawal, Ren já estava desesperado para descer do carro e ficar longe de mim. Ele saiu e se pôs a caminhar pelo meio das árvores.

Kishan ficou observando-o se afastar e estendeu a mão para trás, pegando a mochila grande com as armas. Jogou-a nos ombros antes de trancar o Jeep e perguntou:

– Vamos?

– Vamos. – Suspirei. – Ele já está bem adiantado, não está?

– Está. Mas não muito longe. Vai ser fácil seguir a trilha dele.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos. Árvores de teca se elevavam sobre nós, e isso era bom, pois forneciam sombra para o sol quente.

– Vamos caminhar até o lago Suki, depois almoçar e descansar durante a parte mais quente do dia – explicou Kishan.

– Beleza.

Fiquei escutando o barulho dos meus passos enquanto caminhava por cima das folhas que forravam o chão da floresta. Kishan era uma presença silenciosa e firme a meu lado.

– Sinto falta disso – disse ele.

– De quê?

– De caminhar pela selva com você. Passa tranquilidade.

– Isso quando não estamos fugindo de alguma coisa.

– É gostoso. Sinto falta de ficar sozinho com você.

– Detesto lhe dar esta notícia, mas nós não estamos sozinhos.

– Não. Sei disso. Mesmo assim, é o mais “sozinho” que estive com você em semanas. – Ele pigarreou. – Eu ouvi vocês na outra noite, quando Ren foi ao seu quarto.

– Ah. Então você sabe que ele se sente mal perto de mim. Não pode me tocar.

– Sinto muito. Sei que isso dói em você.

– Acho que dói mais nele.

– Não. A dor dele é apenas física. A sua é emocional. É difícil superar esse tipo de coisa. Eu só queria que você soubesse que estou aqui, se precisar.

– Eu sei que está.

Kishan pegou minha mão. Olhei em seus olhos dourados e perguntei:

– Por que isso?

– Eu queria segurar a sua mão. Nem todo mundo se encolhe de dor quando toca em você, sabia?

– Obrigada.

Ele sorriu e deu um beijo nas costas da minha mão. Caminhamos mais umas duas horas em silêncio, de mãos dadas o tempo todo. Refleti mais uma vez sobre as diferenças entre os irmãos. Ren estava sempre falando ou escrevendo. Ele gostava de pensar em voz alta. Dizia que não poder se comunicar era a coisa mais frustrante de estar na forma de tigre.

No Oregon, ele costumava me bombardear com perguntas todo dia de manhã. Respondia questões que eu já tinha até esquecido e falava sobre coisas em que passara a tarde toda pensando como tigre e não pudera me dizer.

Kishan era o oposto. Ele era calado, silencioso. Gostava de simplesmente *ser, sentir, experimentar* as coisas ao seu redor. Quando bebeu vaca-preta, ele se deleitou com a experiência e dedicou cem por cento de sua atenção a ela. Ele absorvia o ambiente e se contentava em ficar na dele.

Eu me sentia à vontade com os dois. Conseguia apreciar mais o silêncio e a natureza com Kishan. Mas, quando Ren estava perto, eu ficava tão ocupada conversando com ele e, *confesso*, olhando fixamente para ele que todo o resto perdia importância.

Quando já podíamos avistar o lago Suki, vimos Ren em pé à beira d'água, jogando pedrinhas na superfície. Ele se virou para nós com um sorriso e nos flagrou de mãos dadas. O sorriso falhou por um instante, mas ele logo brincou comigo e voltou a sorrir.

– Já estava na hora de vocês me alcançarem. São mais lerdos do que tartarugas. Estou morrendo de fome. O que temos para o almoço?

Tirei a mochila das costas. Minha camiseta estava colada à pele. Eu a soltei e me agachei para abrir o zíper da bolsa.

– O que você vai querer?

Ren se agachou ao meu lado.

– Qualquer coisa. Surprenda-me.

– Achei que você não gostasse da minha comida.

– Que nada! Eu gosto, sim. Só não gostei de vocês todos ficarem olhando para mim enquanto eu comia, achando que cada mordida iria despertar

uma lembrança. Aliás, um daqueles biscoitos de chocolate e manteiga de amendoim cairia muito bem.

– Certo. E você, Kishan?

Protegi as vistas do sol e olhei para ele. Estava observando Ren.

– Faça para mim a mesma coisa que fizer para ele.

Os irmãos se afastaram para jogar pedrinhas no lago e pude ouvir as risadas enquanto competiam entre si. Pedi ao Fruto Dourado que criasse uma cesta de piquenique para nós, repleta de limonada; pãezinhos quentes com manteiga e uma boa variedade de geleias; salada fria de macarrão com azeitona, tomate, cenoura e molho vinagrete com limão; uma caixa gigantesca de frango picante à havaiana; e meus biscoitos de chocolate e manteiga de amendoim.

Usei o Lenço Divino para criar uma toalha de mesa xadrez branca e vermelha e a estendi embaixo de uma árvore. Nosso piquenique estava pronto.

– O almoço está servido! – gritei.

Os irmãos não perderam tempo. Kishan pegou logo o frango e Ren, os biscoitos. Dei tapas nas mãos dos dois e entreguei a cada um deles um lençinho antibacteriano.

Kishan resmungou:

– Kells, eu passei 300 anos comendo alimentos crus, no chão. Realmente não acho que um pouquinho de sujeira vá me matar.

– Talvez não, mas mãos limpas fazem com que eu me sinta melhor.

Entreguei-lhes a caixa gigantesca de frango e peguei um pãozinho da cesta, passei manteiga e espalhei geleia por cima. Recostei-me numa árvore e fiquei observando o sol salpicado entre as folhas enquanto saboreava meu lanche devagar.

– Ainda falta muito até a casa de Phet? Ren e eu levamos mais ou menos um dia para chegar lá a pé da última vez.

– Vamos ter que dormir na selva hoje à noite – respondeu Kishan. – Estamos do outro lado do lago Suki.

– Ah. Ei! Deixem um pouco de frango para mim! – exclamei quando vi a caixa se esvaziando com rapidez. – Como é que vocês conseguem devorar tanta comida em tão pouco tempo?

– Quem manda ficar aí olhando para o nada! – disse Ren.

– Eu não estava olhando para o nada. Estava apreciando o ambiente.

– Percebi. Isso também me deu uma boa oportunidade de “apreciar o ambiente” – retrucou ele com um sorriso sarcástico, me provocando.

Dei-lhe um chute no pé.

– Deviam ter deixado pelo menos *alguma coisa* para mim.

Ren sorriu e me entregou uma das últimas coxas.

– O que você esperava? Dois ou três franguinhos minúsculos para alimentar dois tigres famintos? Precisamos de algo pelo menos do tamanho de... o que você diria, Kishan?

– Do tamanho de um búfalo pequeno.

– Um búfalo pequeno seria bom, ou quem sabe uma ou duas cabras. Você já comeu um cavalo? – perguntou Ren.

– Ah, não. É fibroso demais.

– E que tal um chacal?

– Não. Mas já matei vários. Eles gostavam de ficar esperando até eu dar conta da minha presa.

– Javali?

– Pelo menos um por mês.

– E que tal um... tudo bem com você, Kelsey?

– Será que podemos mudar de assunto? – A coxa de frango estava quase caindo da minha mão. Fiquei olhando para ela e imaginei o animal a que um dia pertenceu. – Acho que não vou mais conseguir comer isto aqui. Aliás, chega de falar de caçadas enquanto estamos comendo. Já foi bem ruim eu ter que ver vocês dois em ação.

Ren mastigou e brincou:

– Pensando bem, você tem o tamanho ideal de um petisco. Não acha, Kishan?

Kishan me examinou com um brilho gozador nos olhos.

– Sempre achei que seria divertido caçar a Kelsey.

Olhei com raiva para Kishan. Ele mordeu um pãozinho e deu uma piscadela.

Ren dobrou os joelhos até o peito e deu risada.

– O que me diz, Kelsey? Quer brincar de esconde-esconde com os tigres?

– Acho que não – respondi com desdém enquanto limpava os dedos com outro lençinho.

– Ah, vamos lá. A gente dá vantagem para você.

Eu me recostei no tronco da árvore.

– Mas a questão é: o que vocês fariam quando me pegassem?

Kishan passou manteiga em outro pãozinho enquanto tentava esconder um sorriso.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br